



4889 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
 GT16 - Educação e Comunicação

ESCREVIVÊNCIAS : O BLOG E O MICROBLOG COMO ESPAÇOS DE PESQUISA EM HISTÓRIA DE VIDA
 Roselete Fagundes de Aviz - UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina
 Gilka Elvira Ponzi Girardello - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

ESCREVIVÊNCIAS[1]: O BLOG E O MICROBLOG COMO ESPAÇOS DE PESQUISA EM HISTÓRIA DE VIDA

RESUMO

A pesquisa em que este trabalho se baseia teve como objetivo contribuir com o conhecimento e diagnóstico das formas de violências, incluindo a violência/abuso sexual em contextos de *fundamentalismos religiosos*, numa perspectiva cultural, histórica e sociológica. Buscaram-se histórias de vida de mulheres que sofreram na infância/adolescência algum tipo de violência no contexto de tais *fundamentalismos* para, a partir daí, fazer o levantamento de estudos de autores que suscitam debates em torno das questões referentes à infância, aos *fundamentalismos religiosos* e à temática da violência nesses contextos para aprofundar as discussões teóricas sobre o assunto, tendo sempre em vista possibilidades de debates sobre o papel que nela tem a Educação. A metodologia pauta-se na definição de uma coleta de base, representada pelas histórias de vida por meio de um *blog*. Entre os resultados obtidos, concluiu-se que para pesquisar temáticas ainda envolvidas em silenciamentos e preconceitos, como a relação entre violência de gênero e *fundamentalismos religiosos*, aliar o *blog* a outras ferramentas da cibercultura, como o *Twitter*, pode ser de grande relevância, uma vez que isso suscita o debate e permite a criação de espaços de confiança e intimidade que favorecem a partilha de depoimentos pessoais.

Palavras-chave: Blog. Twitter. Ferramentas digitais de pesquisa. História de vida. Fundamentalismos Religiosos.

-

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca refletir sobre alguns aspectos principais da pesquisa de pós-doutorado que conduzimos entre 2017 e 2018, sobre *fundamentalismos religiosos* contra meninas e mulheres, com ênfase na aculturação, nas violências e no papel da educação. Tem como objetivo trazer algumas reflexões sobre as contribuições metodológicas do referido trabalho, especialmente no que se refere aos objetos *blog*[2] e *microblog* (*Twitter*) como espaços de pesquisa associados ao método Histórias de Vida.

A referida pesquisa teve como *corpus* histórias de vidas de meninas e mulheres que sofreram/sofrem algum tipo de violência em contextos religiosos brasileiros. As histórias dividem-se em orais e escritas. As orais foram registradas presencialmente, com o auxílio de um gravador. Já as escritas, foram enviadas para um e-mail disponibilizado especialmente com a finalidade de receber depoimentos a serem publicados no *blog* criado no âmbito da pesquisa. Os fragmentos dessas histórias foram tornados públicos no *blog*[3], o qual se constituiu também como um excelente instrumento de reflexão sobre a temática da *violência contra meninas e mulheres nos contextos religiosos*, a partir de uma multiplicidade de linguagens: literatura, dança, fotografia, cinema, dentre outras. Concomitantemente, colocava-se a temática em debate no *Twitter*.

Situamos o conceito de *fundamentalismo religioso* no contexto da Modernidade, entendida por autores como Boaventura de Sousa Santos representar um movimento histórico, cultural e social, surgido a partir das "grandes navegações" no século XVI. Esse movimento é marcado pela elevação da categoria de mercado como principal motivador das relações de poder que inauguram, na sociedade da época, o crescente conflito entre comerciantes (plebeus) e a nobreza (SANTOS, 1997).

A esse respeito, Karen Armstrong (2009) explicita em seu clássico livro: *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo no cristianismo e no islamismo*, o embate entre essas religiões, no desejo que elas tinham de expandir sua zona de influência religiosa, política e econômica, especialmente entre o cristianismo e o islamismo, não deixando de existir uma forte restrição ao judaísmo. Ao analisar os movimentos *fundamentalistas* que se desenvolveram em três religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo, a autora expressa um dos conceitos de *fundamentalismos religiosos* do seguinte modo:

São formas de espiritualidade combativas, que surgiram como reação a alguma crise. Enfrentam inimigos cujas políticas e crenças secularistas parecem contrárias à religião. Os fundamentalistas não veem essa luta como uma batalha política convencional, e sim como uma guerra cósmica entre as forças do bem e do mal. Temem a aniquilação e procuram fortalecer sua identidade sitiada através do resgate de certas doutrinas e práticas do passado. Para evitar contaminação, geralmente se afastam da sociedade e criam uma contracultura; não são, porém, sonhadores utopistas. Absorveram o racionalismo pragmático da modernidade e, sob a orientação de seus líderes carismáticos, refinam o "fundamental" a fim de elaborar uma

Para analisar as implicações desse movimento que surgiu contra a cultura científica e secular que nasceu no Ocidente e depois se arraigou em outras partes do mundo, nossa pesquisa procurou mostrar como esses movimentos, que estão entre os mais destacados e influentes, por surgirem de medos, ansiedades e desejos comuns, geram violências e opressões de dimensões incomensuráveis, especialmente a mulheres e crianças.

Esta pesquisa procurou iluminar a relação entre a violência em contextos de *fundamentalismos religiosos* contra crianças, mais especificamente contra meninas, e o papel da educação, porque entendemos que a educação, de certo modo, em virtude de uma ênfase na *tolerância*, tem negligenciado as manifestações de violências que advêm desses contextos.

As violências concebidas e/ou praticadas no tecido social podem interferir nas relações educativas. Tais violências, muitas vezes oriundas de contextos *fundamentalistas religiosos*, podem ser castigos físicos, maus tratos, abuso sexual, e silenciamentos, que são por sua vez produtores de fracassos na aprendizagem, evasão e repetência, isolamento ou distúrbios de atenção. Tais processos, que nem sempre deixam marcas visíveis, são negligenciados pela escola em nome do discurso da tolerância. No entanto, podem gerar conflitos nas histórias de vida das crianças e adulterar sua infância, a partir de suas linguagens corporais, afetivas e cognitivas.

A pesquisa deu ainda mais consistência a essas ideias quando nos permitiu perceber a escola, assim como os contextos *fundamentalistas religiosos*, como (re)produtora do medo. No caso específico da violência contra crianças, seja na forma de maus tratos, violência sexual, dentre outras, o medo pode servir como uma gramática que ensina as crianças e adolescentes a continuarem com o pacto do silêncio para não expor, não "agredir" quem as violenta.

Sobre o aspecto do medo, o trabalho da norte-americana Winell (2007) trouxe grande contribuição à pesquisa. Esta autora ampliou o debate sobre a temática ao colocar o *abuso espiritual* como uma categoria maior para essa discussão, uma vez que ele agrega todas as outras formas de abuso, inclusive o sexual. Segundo a autora, a compreensão do *abuso espiritual* só se dá no campo da compreensão dos aspectos do *fundamentalismo* que são mentalmente e emocionalmente manipulativos. Nessa perspectiva, o medo aparece como um dos mais potentes modos de manipulação.

Como fazer essa reflexão sem pensar nas crianças oriundas de contextos de *fundamentalismos religiosos* que se inserem em uma escola pública dita "laica", no entanto, ainda que tolere determinadas práticas religiosas, nada faz contra a opressão legitimada em tais práticas, ao contrário, se alia a elas quando reforça a cultura do medo ao ter como princípio uma *pedagogia do medo*? Nesse aspecto, a proliferação do discurso da tolerância é apontada por Skliar (2001) como um dos problemas em relação à reivindicação da diversidade nas políticas educativas: "o que se tolera é o grupo, deixando sem resolver a questão da liberdade individual" (SKLIAR, 2001, p.134). Essa problematização foi o principal motor da pesquisa.

No contexto da pesquisa, as histórias de vida foram escolhidas como perspectiva metodológica por seu potencial de conferir às mulheres vítimas de violência um sentido ativista, de luta contra a injustiça. Na mesma linha, contextualizamos o conceito de histórias de vida a partir de uma perspectiva feminista (WADI, 2012) no sentido de uma ciência desafiadora da sociedade patriarcal e da colonização discursiva, e assim de resistência, uma vez que a grande reivindicação feminista consiste na reconfiguração de questões de âmbito aparentemente pessoal, situando-as no âmbito predominantemente político (NEVES, 2012).

Em nossa concepção, combater a opressão pela via da ampliação do conhecimento é possibilitar o reconhecimento e a escuta das vozes silenciadas, é mobilizar diversas vozes para que o mundo fique sabendo delas, o que diz respeito à interface Educação e Comunicação. Em se tratando do feminino, dentre os diversos pilares em que se embasa a opressão da mulher, está a proibição de sua necessidade de contar a quem quiser o que desejar. Sobre esse aspecto, a literatura tem sido um espaço profícuo de luta contra o silenciamento das mulheres em contextos de *fundamentalismos religiosos*, temática tão bem tratada por Walker (2016), nas primeiras linhas de *A Cor Púrpura*: "É melhor você nunca contar pra ninguém, só pra Deus" ou ainda, nas palavras de Angelou (2018) em *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*: "Não existe agonia maior do que guardar uma história não contada dentro de você".

Vemos assim, alguns indicativos para nossa compreensão de que o uso do *blog* e do *microblog* como dispositivos de pesquisa criou um *lugar da voz* para essas mulheres, no sentido de que pudessem "contar a todo mundo" o que acontece em sua intimidade, indo ao encontro de outras vozes que a elas se afinam. Na perspectiva feminista, podemos pensar que as histórias de vida podem ser uma arma de resistência das mulheres, uma alternativa à história do processo de colonização, à geopolítica eurocêntrica que estabeleceu paradigmas epistemológicos, políticos, ontológicos e religiosos como verdades universais, promovendo uma fortaleza de invisibilidades e silenciamentos, que se manifesta de modo particular entre as mulheres.

Assim, o uso do *blog* e do *microblog* como instâncias digitais de pesquisa constituiu um espaço valioso para expor a invisibilidade, a marginalização e o silenciamento impostos às mulheres. Como veículos de ampliação da voz, permitem uma denúncia mais ampla das diferentes formas de opressão e vulnerabilidade que muitas mulheres vivem, bem como proporcionam o debate sobre a temática.

As possibilidades técnicas que tais ferramentas oferecem à postagem de textos em diferentes linguagens, como a literatura, a música, a fotografia, além da classificação por tags, abrem a temática para diferentes debates - ligados a gênero, sexo, etnia, religião, classe, feminismo, subalternidade, dentre outros. Servem de suporte, ambiente, multiplicação de autoria e propulsão de pesquisas como esta, que associa a investigação feminista às histórias de vida. Além disso, o *blog*, aliado ao *microblog*, certifica a cobertura da pesquisa, possibilita a criação do desenho do estudo, bem

como proporciona o encontro e o debate entre pessoas que também se interessam pela mesma temática e passam a segui-la.

Acompanhamos assim, a compreensão de que tais dispositivos "podem ser utilizados para potencializar a criatividade e as autorias de alunos, professores e pesquisadores na produção de narrativas no ciberespaço" (COUTO et al., 2016, p.20).

O BLOG E O MICROBLOG (TWITTER) COMO INSTRUMENTOS DE PESQUISA

O *blog* criado para esta pesquisa teve suas características próprias, aspecto inerente a um *weblog*. Nele priorizamos a entrada dos conteúdos em ordem cronológica; a hipertextualidade; a multimídia; a informalidade; o microconteúdo e a atualização frequente (ZAGO, 2008). Ele pode ser classificado como um *blog* temático, uma vez que tinha como prioridade a pesquisa acadêmica. Foi criado na plataforma Wordpress e constituiu-se predominantemente de textos escritos, embora tenha sido composto também de outras linguagens: música, fotografia, vídeos, dentre outras. Neste sentido, ele pode ser classificado como um blog funcional (AMARAL et al., 2009).

Essa ferramenta serviu como dispositivo para a produção e o compartilhamento das narrativas pessoais, visto que a pesquisa teve como *corpus* histórias de vidas de meninas e mulheres que sofreram/sofrem algum tipo de violência em contextos religiosos. Fragmentos dessas histórias, tanto escritas como orais, foram tornados públicos no *blog* (FIGURA 1), sendo este claramente identificado como espaço de pesquisa acadêmica. Assim, ele se constituiu também como um instrumento de reflexão e debate sobre a temática da pesquisa, associado ao Twitter.

Figura 1 - Blog *Somos Amadas*



Fonte: Produção da autora (2019).

Das quinze histórias enviadas voluntariamente por leitoras do blog, treze fizeram efetivamente parte do corpus da pesquisa. Os critérios de exclusão de duas histórias foram: 1) não se caracterizar como história de vida, mas sim um relato episódico sobre a questão de gênero e sexualidade, ocorrido durante uma aula, em um curso de formação para professores; 2) tratar-se da história de violência sofrida em contexto religioso por um menino, hoje adulto, em seu processo de constituição como sujeito homossexual.

Dessas treze mulheres, seis contaram suas histórias pela própria voz (MAGALHÃES, 2012), seis focaram exclusivamente a temática religiosa, a partir de questões elaboradas, especificamente sobre *fundamentalismo religioso*, e uma escreveu sua história-artística-de-vida.

Das treze mulheres, dez delas nasceram em contextos de *fundamentalismo religioso*, duas entraram em um desses contextos no final da infância, e uma, na adolescência. Quase a totalidade delas veio de contextos cristãos: sete vieram de igrejas pentecostais clássicas, duas de igrejas neopentecostais, uma da igreja católica, uma fazia parte do grupo das Testemunhas de Jeová e uma era de origem islâmica. Nove das treze depoentes haviam rompido com suas religiões.

Em relação à violência sexual, quatro das narradoras foram vítimas: duas delas no próprio contexto religioso, uma no contexto familiar, e uma em urbano. Quanto a castigos físicos, mais especificamente surras em consequência da doutrinação religiosa, seis delas contaram ter sido vítimas desses castigos, infligidos pelos pais.

Das treze mulheres participantes da pesquisa, seis são negras, sendo que cinco delas são provenientes de famílias anteriormente ligadas a religiões afro-brasileiras. Duas participantes se denominaram bissexuais e estão em relacionamentos estáveis com mulheres. Oito das treze mulheres contaram suas histórias por meio da escrita e cinco o fizeram de forma oral.

Neste contexto, é preciso ainda assinalar que quando dizemos que seis mulheres contaram suas histórias "pela própria voz" queremos marcar que o interessante na perspectiva de histórias de vida que escolhemos foi a defesa do

aspecto da autonomia no campo epistemológico e metodológico das histórias de vida. Uma metodologia em que as vozes das mulheres são ouvidas, desenvolvendo igualmente os procedimentos detalhados da sua recolha, elaboração, análise e interpretação (MAGALHÃES, 2012, p. 47).

Essa autora concebe que as histórias de vida valem por si, são um método autônomo, e inscreve o percurso da pesquisa em história de vida à procura do sujeito político *mulher* e da agência feminista no campo da Educação. Além disso, esclarece sobre as vozes das pessoas que entram com legitimidade, num mundo onde as vozes que podem soar são eleitas, e, portanto, algumas vozes “menores” são deixadas de fora do contrato dialógico.

Para Magalhães (2012), a ideia é que as pessoas possam falar por sua própria voz e não sempre mediadas pela voz do investigador ou da investigadora. No entanto, a experiência das pessoas contada através da mediação da memória, das suas recordações, de seu olhar individual é cruzada com aquilo que Ferrarotti (1983) chama de teoria das mediações, essa possibilidade de trazer a voz própria das pessoas e, simultaneamente, cruzá-la com a investigação que está sendo realizada no campo. Dessa forma, por seu movimento heurístico, as histórias de vida podem possibilitar novas hipóteses e descobertas no decorrer da pesquisa.

É este o sentido de descrever que somente seis mulheres narraram a partir de sua “própria voz”, ou seja, sem questões dirigidas especificamente à temática sobre a violência contra meninas e mulheres em contextos de fundamentalismo religioso. No processo da pesquisa, conhecendo a abordagem do método sobre histórias de vida, especialmente a partir de Magalhães (2012), optamos por não ter um roteiro com perguntas, exatamente na medida em que procurávamos as singularidades das experiências e das subjetividades de cada narradora, colocando em primeiro plano sua vida, a partir da seguinte provocação: *Imagine que você pudesse realizar um filme da sua vida. Que momento, espaços e personagens você escolheria e por quê? Ou ainda: Se você escrevesse um livro sobre sua vida, com qual momento da sua vida começaria, que espaços e personagens você escolheria e por quê.*

Por essa razão, existe uma diferença significativa no conteúdo das histórias de vida produzidas antes e depois do contato com Magalhães, uma vez que nas primeiras vezes, só nos preocupamos em focar questões específicas sobre a problemática da pesquisa. No Blog, por exemplo, a questão foi elaborada no *Fale Conosco* do seguinte modo:

O objetivo deste blog é criar um ambiente acolhedor para dividir histórias sobre este tema tão difícil, sobre o qual não nos sentimos muitas vezes confortáveis para falar a respeito. E para dizer que, apesar de tudo, Somos Amadas. Se essas narrativas literárias e depoimentos te fizerem lembrar, e não só isso, te impulsionarem a escrever e compartilhar memórias, escreva para nós. Estamos prontas para quebrar o silêncio pelo e-mail.

Já os depoimentos produzidos oralmente, eram tratados em forma de questões específicas sobre a temática: Como você vê a violência contra meninas e mulheres em contextos de *fundamentalismo religioso*? Qual a denominação religiosa? Quanto tempo você participou? Você ainda participa? – dentre outras.

Nessa linha de pensamento, vemos a importância de prestar atenção àquilo que Magalhães (2012) caracterizou como subjetividade explosiva, leitura horizontal e vertical das auto/biografias produzidas, para não cair nas armadilhas de uma visão centrada apenas na psicologia, mas, sim, ir ao encontro de uma visão social e cultural. Ao procedermos desta forma, a autora nos convida a estarmos atentas e atentos a alguns aspectos fundamentais no processo de construção de histórias de vida, os quais abordamos como dilemas e dificuldades: as opções efetuadas no percurso dessa pesquisa realizada com mulheres advindas de diversas condições sociais, culturais, de orientação sexual, etnia, região.

Sobre a questão específica da produção de uma história-artística-de-vida, Wadi (2012) mostra seu trabalho com histórias de vida de mulheres palestinas. Em seus estudos, a autora defende que “a melhor forma para criar ligações e alianças com o Ocidente será aproximar-se dos valores culturais e políticos ocidentais” (WADI, 2012, p.130). Para ela, o que impede a memória de culturas do Sul[4], como a palestiana, de se tornarem públicas, são as nações poderosas que não as querem ouvir, a falta de um público para ouvi-las. Neste sentido, utilizar as artes como o cinema, as artes plásticas, a literatura, dentre outras, são algumas formas dessas possíveis ligações e alianças, uma vez que a arte é uma voz que pode ser *mais ouvida* do que outras formas mais silenciosas e silenciadas (WADI, 2012). Nesta perspectiva, a autora defende que as *histórias-artísticas-de-vida* têm uma abrangência maior que as histórias de vida em narrativa tradicional.

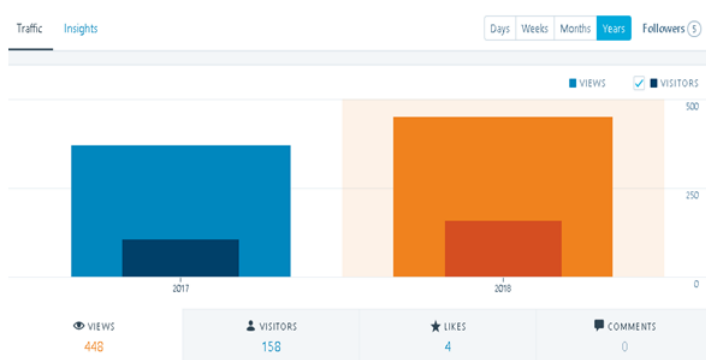
Assim, se repararmos, a análise das histórias de vida produzidas e selecionadas para compor a pesquisa foi elaborada a partir de um referencial teórico específico sobre histórias de vida, em cruzamento com outros referenciais teóricos, especialmente sobre *fundamentalismos religiosos*. Essas *escrevivências* alimentavam também o movimento, participação e interesse sobre nossas publicizações no *blog* com os seguidores do *Twitter*, uma vez que o *blog* foi divulgado pelo *Twitter* com o apoio de perfis de grupos e influenciadoras feministas, como se pode ver a seguir (FIGURAS 2 e 3).

Figura 2 – Divulgação no Twitter.



Fonte: Produção das autoras (2019).

Figura 3 – Dados sobre a divulgação no Twitter.



Fonte: Produção das autoras (2019).

ANÁLISE DOS SEGUIDORES DO TWITTER

O *microblog* constituiu-se como uma variação do *blog*. Nele, todo o conteúdo referente à temática da pesquisa sofreu algum tipo de limitação, principalmente devido ao pequeno número de caracteres das postagens, traço essencial do *microblog*. Conforme Zago (2008, p. 26), “o *microblogging* é a ação de postar pequenos textos em um blog pessoal, geralmente usando-se comunicadores instantâneos ou o celular”. Assim, mesmo que cada ferramenta tenha suas especificidades, em geral o *microblog* tem as mesmas funcionalidades de um blog, porém de forma simplificada. O *Twitter* foi o *microblog* escolhido, dentre os existentes, pela visibilidade que permitiu à temática a partir de determinada etapa da pesquisa

No que se refere à nossa pesquisa, enquanto no *blog* a conversação ocorreu predominantemente através de comentários, no *Twitter* a comunicação é assíncrona, “ou seja, ele não serve para as pessoas baterem papo e, sim, para acompanharem umas às outras à distância” (ZAGO, 2008, p.11). Como o *Twitter* permite a busca por temática, usando-se ou não o sinal de #, tal ferramenta facilita o encontro de usuários que se interessam pelo mesmo assunto, que passam, então, a segui-la.

O blog da pesquisa, desenvolvido na plataforma *Wordpress.com*, foi divulgado pelo *Twitter* com o apoio de perfis de grupos e influenciadoras feministas. O impulsionamento foi dado pelos perfis @blogueirasfeministas, @naomecalo e @lolaescrevalola, que compartilharam um conteúdo inicial. No dia 21 de outubro de 2018, quando o blog completava um ano de existência, fizemos uma análise dos seguidores neste período de divulgação pela mídia social de *microblogging* com o perfil do referido blog.

De acordo com o relatório deste dia, o *microblog* possuía 306 seguidores, o público era majoritariamente feminino, com 72% que se autodenominavam mulheres. E 28% dos perfis eram masculinos.

Em uma amostragem maior, com dados exportados pelo próprio serviço de análise de público do *Twitter*, descobrimos que dentre os 306 seguidores, a maioria era de brasileiros (95%), com a presença pontual de seguidores em outros países, na América Latina e Europa.

Na região do Brasil em que se localizavam os seguidores, percebemos que a maioria se encontrava em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Dentre os seguidores, fizemos uma simples leitura dos perfis não bloqueados (178 seguidores) para compreender um pouco mais sobre as pessoas que se interessam pelo tema e seguem os assuntos publicados no blog, que variam entre: Violência de Gênero, Fanatismos Religiosos, Histórias de Vida, Literatura, Feminismos, Decolonialidade, Religião, Sexualidade. Descobrimos uma maioria massiva de adolescentes mulheres, 111, ao lado de 48 mulheres adultas. Dentre os perfis, 43 se autodenominam mulheres negras. É significativo que 90 destes perfis se autointitulam feministas. Apenas 13 mulheres alegam ter religião, dentre elas: cristãs (7), budistas (2), espíritas (1), umbandistas (1) e misticismos/Wicca (1).

Desse modo, o perfil do referido blog alcançou mensalmente 2 mil pessoas que se interessaram sobre a temática, de acordo com relatórios dos últimos meses que antecederam o encerramento da pesquisa: agosto de 2017 a dezembro de 2018.

Embora o foco deste artigo seja o uso do *blog* e do *microblog* no contexto da pesquisa, podemos fazer uma breve referência às conclusões mais gerais sobre o que se concluiu sobre as *violências contra meninas e mulheres em contextos de fundamentalismo religioso e o papel da educação*.

A pesquisa constatou que, dos movimentos que se desenvolveram nas três religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo, o movimento cristão ainda é um dos que tem maior representatividade nessa investigação. Nele, o *abuso espiritual*, que se dá através de *Manipulações* é o maior responsável pelas demais formas de *violências contra meninas e mulheres nos contextos de fundamentalismos religiosos* e a pouca visibilidade do tema nas discussões acadêmicas e na educação em geral são contributos para a recorrência dos casos e para a perpetuação do *abuso espiritual*.

Winell assinala, com clareza, que as Manipulações funcionam como “mecanismos de controle da mente” (Winell 2007). E é nesse campo que a pesquisa chama a atenção para o perigo da doutrinação na pequena infância, (zero a seis anos de idade). Segundo Winell (2007), as consequências da doutrinação religiosa são infinitamente mais danosas quando a criança nasce em contexto de *fundamentalismo religioso*. Para ela, os pais se juntam às igrejas para induzirem as crianças (desde o engatinhar) aos sistemas de crenças e as estratégias utilizadas para doutrinar essa criança indica a profundidade do medo e da ansiedade que elas desenvolverão e o quanto esses dois aspectos estão interligados. Uma das questões para as quais a autora chama a atenção é o ataque à imaginação das crianças, já que a técnica mais poderosa do *fundamentalismo* (no caso que ela estuda, o cristão) é uma tática do terror, e sabemos o quanto o medo pode paralisar as forças imaginantes.

Ao discutir a questão da doutrinação de crianças, Winell (2007), chama a atenção para as religiões rígidas cuja origem remete ao *fundamentalismo cristão*. Mais do que olhar para os aspectos históricos dessas religiões, a autora nos convida a olhar para os métodos de persuasão que são reconhecidamente poderosos para o recrutamento e retenção de seus membros. Aliados aos métodos, ela aponta alguns artefatos culturais como livros, discos, hinários, programas (“infantis”?) que têm como objetivo maior, manipular mental e emocionalmente os adeptos, desde a infância.

Todas as questões consideradas acima foram essenciais para pensarmos em qual o papel da educação nesse contexto. Poderíamos dizer que a pesquisa mostrou que a educação e o *fundamentalismo cristão* se encontram naquilo que denominamos como *pedagogia do medo*. Desta forma, regulam-se vontades de liberdade, mata-se a curiosidade, a imaginação, o desejo pela novidade, aspectos essenciais do espírito inquieto e criador tão importantes na formação da criança. A partir desta perspectiva, perguntamos: por que, no contexto da Educação, escolhemos o medo e não a amorosidade?

Assim, propomos refletir sobre: “a dissociação cortante entre o vital e o escolar e, assim, a separação trágica entre o cuidado do outro, o cuidado de si mesmo e o descuido absoluto do outro” (SKLIAR, 2018, p. 35). A análise dos depoimentos sugere que a escola não soube acolher as histórias de vida e sofrimento daquelas meninas e mulheres vítimas de *abuso espiritual*. A impressão é de que nada acontece na escola, de que nada se ensina na escola: como é possível que ali não se converse sobre a vida? Como é possível a nossa vida, as outras vidas não caberem na escola?

Hanna Arendt ao argumentar sobre a doutrinação expressa: “o endoutrinamento não pode senão reforçar ainda a luta de caráter totalitário contra a compreensão e introduz, em todo caso, um elemento de violência no conjunto do domínio político” (ARENDR, 2013, p.41). Neste sentido, a escola necessita compartilhar das vidas particulares de estranhos. Talvez, assim ela pudesse sair desse lugar de doutrinadora. Neste aspecto, podemos dizer que a escola não só se conecta aos *fundamentalismos religiosos*, especialmente ao *Fundamentalismo Cristão*, porque também oprime.

BLOG E MICROBLOG: FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO DA CIBERCULTURA A SERVIÇO DAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

Por nos situarmos no campo das ciências humanas e sociais, cabe destacar que, na perspectiva de pesquisa em histórias de vida que adotamos, fazendo o uso de ferramentas de comunicação da cibercultura, não se objetiva ressaltar a excelência dos instrumentos, ou seja, não temos como finalidade pesquisar *o que* as ferramentas podem fazer, nem *por que* elas fazem o que fazem, mas sim *como* podemos trabalhar com elas no sentido de ampliar a possibilidade de as mulheres, assim como outros grupos silenciados, soltarem suas vozes, bem como abrir espaço para que essas vozes possam ser ouvidas por mais gente.

Nesse sentido, ao nos valeremos de ferramentas de comunicação digital associadas às metodologias e à pesquisa em educação, deslocamos o foco dos atributos técnicos dos instrumentos para a possibilidade cultural que oferecem aos pesquisadores e participantes das pesquisas, de organizar, produzir, divulgar as práticas das vozes. Para nós, o aspecto central da investigação está na perspectiva de melhor elaborar e compreender *o que* acontece *entre* as vozes, nas relações, e *como* essas vozes interagem entre si nas relações que compõem tais práticas.

No caso específico da pesquisa, tais reflexões adquirem grande significação, uma vez que possibilitam a ampliação dos estudos sobre o potencial de apropriação da voz como instrumento de libertação e constituição de autoria. Não perdemos de vista, por outro lado, que tais processos, se apropriados por agentes (individuais ou institucionais) de cunho autoritário, podem instituir alto potencial de violência, tanto simbólica, quanto física.

Isto significa que, para as questões as quais este texto enfoca, em se tratando das mulheres, é preciso dar atenção às estratégias que vêm sendo cada vez mais usadas por elas para sair da obscuridade que as torna invisíveis enquanto sujeitos. Boa parte dessas estratégias ocorre hoje por meio da cultura digital, onde as mulheres, e, sobretudo as gerações mais jovens, criam modos de fazer com que suas vozes ecoem. Por meio dos blogs e/ou microblogs, vão encontrando modos de contar, comentar, militar, considerando que durante muito tempo suas vozes foram silenciadas.

Assim, o que tentamos dizer é que as tarefas propostas para as metodologias de pesquisa em educação podem revelar-se plenas de desafios, exigindo dos pesquisadores a experimentação com instrumentos teórico-metodológicos que os habilitem a lidar com situações novas e tão mais complexas, quanto mais complexo for se tornando o corpo social. E a invenção de espaços de interpelação sensível e autoria compartilhada, a partir de estruturas técnico-culturais como os blogs e microblogs, parece ser uma forma de experimentação metodológica sintonizada a esse tipo de desafio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito das pesquisas científicas e acadêmicas há que se considerarem as inovações tecnológicas como potenciais aliadas do/a pesquisador/a. No caso deste trabalho, nossa atenção voltou-se ao potencial dos blogs e microblogs na criação de procedimentos de pesquisa.

Considerando os objetivos da investigação da qual se origina este texto, tais ferramentas foram determinantes, como forma de aproximação e registro para fazer emergir as histórias de meninas e mulheres que sofreram algum tipo de violência em contextos de *fundamentalismos religiosos*. A metodologia de histórias de vida, associada ao espaço de intimidade e segurança oferecido pelo *blog* e pela possibilidade de dialogar com pessoas que viveram experiências semelhantes por meio dos processos de publicação das plataformas, favoreceu não somente o acesso às formas de violências praticadas no contexto examinado, mas também a possibilidade de refletir coletivamente sobre como se realizam essas formas de violências.

Nesta perspectiva, além da produção de um conjunto de depoimentos por meio de um *blog* como ferramenta de pesquisa, também o uso da linguagem escrita, literária, da fotografia e do audiovisual postados por nós puderam ampliar as possibilidades de divulgação do conteúdo, bem como uma aproximação e compreensão da perspectiva dos usuários sobre a temática que pretendíamos investigar.

A necessidade de aliar ao *blog* um *microblog*, o *Twitter*, se revelou durante o processo da pesquisa, uma vez que, por meio dessa ferramenta de comunicação, se tornaram possíveis muitas outras manifestações sobre a temática, bem como o encontro entre pessoas, incluindo outros pesquisadores que se interessavam pelo tema. Nesses encontros, os *tweets* contendo dicas de leitura, filmes, trabalhos acadêmicos, dentre outras indicações relevantes à pesquisa, foram possíveis em virtude da própria especificidade da ferramenta.

Dos resultados obtidos nas análises dos posts, destaca-se o fato de o *Twitter* servir como elemento potencializador quando colocado em função do *blog*. Entretanto, diferentemente do *blog*, o *Twitter*, além de publicações livres como ocorre com os *blogs*, destacou-se como ferramenta de comunicação direta entre perfis, incentivando a participação e o compartilhamento de informações que geram conhecimento, além de caracterizar-se como ferramenta de comunicação para as pessoas acompanharem umas às outras à distância.

Para finalizar, colocamos abaixo alguns fragmentos da história de Antúrio (37 anos). Escolhemos estes fragmentos, principalmente porque uma das questões levantadas pela investigação e de muito compartilhamento, especialmente no microblog (*Twitter*), diz respeito às dificuldades de se desvincular de uma doutrinação religiosa, depois que se é capturado por ela. E, como já refletimos neste trabalho, se essa doutrinação aconteceu na infância, tal fato se constitui como mais um agravo. Observemos alguns fragmentos dessa história:

[...] Quando eu levava o meu filho pra religião, nem sempre ele queria ir, ele queria ficar em casa porque era chato, ele tinha de ficar sentado ouvindo, não podia brincar, não podia fazer barulho, e a gente ainda mandava ficar quieto. Então, muitas vezes, ele não queria ir, mas a gente obrigava. O meu irmão falava muito: "vocês não podem obrigar se ele não quer ir!"

[...] Quando eu deixei a religião, meu filho ia completar dez anos. Então, a primeira vez que fiz o aniversário do meu filho foi quando ele completou dez anos. Eu fiz uma festinha. Ele ficou maravilhado! Hoje, ele tem doze anos. Enquanto eu estava na religião, pra mim eu estava fazendo a coisa certa. Mas, agora, eu fico imaginando, todos os amiguinhos fazem festinha, então, ele se sentia excluído. Além de tudo, às vezes o amiguinho era vizinho, convidava, mas ele não podia ir, não pode nem fazer a festa, nem participar. Tudo isso são coisas que a gente coloca na balança. É complicado, principalmente quando se trata das crianças. [...]

[...] Faz uns quatro anos que me afastei da religião. Eu tenho muitas dúvidas se um dia voltaria [a ela]. O que me pega muito é a vontade de Deus. Eu sei que tem um Deus, que tem um criador, isso eu sei. Existe um ser maior que eu quero fazer a vontade

Se repararmos no que essa depoente conta, perceberemos que os *fundamentalismos religiosos* operam exatamente da mesma maneira: por meio de diversas *Manipulações* (WINELL, 2007). Certamente, por essa razão, que, alguns seguidores do blog como *Revista Objetiva*, *blogueiras feministas* citadas anteriormente, ou as hashtags nos EUA: *#Ex-Evangelical*, bem como trabalho de Winell ao criar a categoria *Síndrome do Trauma Religioso* para classificar os sintomas de pacientes que sofrem de transtornos mentais em decorrência da doutrinação dessas crenças, dentre outros, acentuam a importância de vir a público para colocar essas questões e denunciar os agravos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. Blogs: Mapeando um objeto. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (Orgs.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

ANGELOU, Maya. **Eu sei porque o pássaro canta na gaiola**. Tradução de Regiane Winarski. Bauru, SP: Astral Cultural, 2018.

ARENDRT, Hanna. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo, Companhia de bolso, 2013.

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

COUTO, Edvaldo; PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. **App-learning: experiências de pesquisa e formação**. Salvador: EDUFBA, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra**. In: LIMA, Juliana Domingos de. *Jornal Nexo Ltda*. 26 de maio de 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2HVfnlW>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

FERRAROTTI, Franco. **Histoire et Histoires de Vie: la méthode biographique en sciences sociales**. Trad. Marianne Modak. Paris: Méridiens Klincksieck, 1983.

MAGALHÃES, Maria José. Construção do Sujeito mulheres: subjetividades das vozes e dos silêncios. In: MAGALHÃES, Maria José et al (org.). *Pelo fio se vai à meada: Percursos de investigação através de histórias de vida*. Lisboa: Ela por ela, 2012.

NEVES, Sofia. **Investigação feminista qualitativa e histórias de vida: a libertação das vozes pelas narrativas biográficas**. In: MAGALHÃES, Maria José et al (org.). *Pelo fio se vai à meada: Percursos de investigação através de histórias de vida*. Lisboa: Ela por ela, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 4ª. Ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SKLIAR, Carlos Bernardo. **Do cuidado com o outro à mudança educativa: uma larva? Uma borboleta? Ambas? Ou nenhuma dessas? (Sobre a borboleta)**. Revista Aleph, n.28, Ano 2017. Disponível em: <bit.ly/2lb96iW>. Acesso em 10 abr. 2019.

SKLIAR, Carlos Bernardo; DUSCHATZKY, Sílvia. **O nome dos outros**. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Org.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas na diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WADI, Shahd. **O ser das mulheres palestinas: histórias de vida entre cusquices e rabiscos**. In: MAGALHÃES, Maria José et al. *Pelo fio se vai à meada: percursos de investigação através de histórias de vida*. Lisboa: Ela por ela, 2012.

WALKER, Alice. **A cor púrpura**. Trad. Betúlia Machado. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

WINELL, Marlene. **Leaving the Fold: a guide for former fundamentalists and others leaving their religion**. Berkely, CA: New Harbinger Publications, 2007.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Dos blogs aos microblogs: aspectos históricos, formatos e características**. 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/zago-gabriela-dos-blogs-aos-microblogs.pdf>. Acesso em: 23 de março de 2019.

[1] No sentido de Conceição Evaristo. Disponível em:< <https://bit.ly/2HVfniW>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

[2] *Blog* é uma forma abreviada de *weblog*, a partir do termo *log*, que em inglês significa registro diário de eventos. O termo *weblog* foi cunhado pelo norte americano Jorn Barger em sua página pessoal, em dezembro de 1997. Ele caracterizou o *blog* como uma página na qual o blogueiro (*weblogger*) registra páginas que considera interessantes. Nesse sentido, o formato da página se apresenta em ordem cronológica, com as entradas mais recentes no topo da página.

[3] Disponível em: <https://somosamadas.wordpress.com/>

[4] No sentido de Sousa Santos de designar por epistemologias do Sul a diversidade epistemológica do mundo. O autor defende que a “epistemologia dominante é, de fato, uma epistemologia contextual que assenta numa dupla diferença: a diferença cultural do mundo moderno cristão ocidental e a diferença política do colonialismo e capitalismo” (SANTOS; MENESES, 2009, p. 10).